

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

23 e 24 de Outubro de 2023

A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: O Documentário em Marcha – Conturbados Anos 30 na América do New Deal

THE WORLD TODAY: SUNNYSIDE: THE SECOND BATTLE OF LONG ISLAND / 1934

Produção: Labor Productions / *Cópia:* digital, versão original com legendas eletrônicas em português / *Duração:* 8 minutos / *Estreia mundial:* data não identificada / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

THE WORLD TODAY: BLACK LEGION / 1937

Música: um trecho de *Also Sprach Zarathustra*, de Richard Strauss / *Produção:* Nykino / *Cópia:* digital, versão original (com alguns intertítulos) com legendas eletrônicas em português / *Duração:* 6 minutos / *Estreia mundial:* data não identificada / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

REDES / 1936

*Um filme de Emilio Gómez Muriel
e Fred Zinnemann*

Argumento: Paul Strand, Agustín Velázquez Chávez, Henwar Rodakiewicz / *Diretor de fotografia* (35 mm, preto & branco, formato 1.37): Paul Strand / *Música:* Silvestre Revueltas / *Montagem:* Gunther von Fritsch / *Som:* Joselito Rodríguez, Roberto Rodríguez / *Interpretação:* Silvio Hernández (*Miro*), David Valle González (*Don Anselmo*), Rafael Hinojosa (*o candidato a deputado*), Antonio Lara (*Zurdo*), Miguel Figueroa (*Miguel*), Suzana Ortiz Cobia (*a mulher de Miro*), Felipe Rojas (*Mingo*),

Produção: Azteca Films; Secretaria de Educação Pública do México / *Cópia:* do MOMA Film Library (Nova Iorque), 16 mm (transcrito do original em 16 mm), versão original com (algumas) legendas e legendagem eletrônica em português / *Duração:* 60 minutos / *Estreia mundial:* Cidade do México, 16 de Julho de 1936 / *Inédito comercialmente em Portugal.* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

AVISO: a cópia de **SUNNYSIDE: THE SECOND BATTLE OF LONG ISLAND** tem deficiências na imagem. Trata-se, no entanto da única disponível deste raro documento.

Desde 1901, quando Georges Méliès vendeu gato por lebre com **Le Couronnement d'Édouard VII**, a relação do cinema com a veracidade daquilo que mostra confunde-se com a noção de verosimilhança. Este programa, organizado de modo um tanto simétrico, reúne dois documentários inteiramente encenados e um filme de ficção “realista”, sem artifícios de estúdio. A série **The World Today** foi concebida como uma espécie de antídoto à conhecida série de reportagens encenadas **The March of Time**, produzida pela Time Incorporated e por produtoras de Hollywood, utilizando a mesma “forma” mas com outro “fundo”, numa clássica absorção da técnica do inimigo. Os dois episódios da série que apresentamos são complementares. O primeiro, **Sunnyside: the Second Battle of Long Island** (o título faz alusão a um episódio da guerra de independência dos Estados Unidos) reconstitui a luta de alguns habitantes daquele subúrbio de Nova Iorque para conservarem as suas casas, apesar da ordem de expulsão de que foram objeto por execução de hipoteca. Trata-se, por conseguinte, de uma recriação de um acontecimento passado e a “vitória moral” que representou. A brevidade do filme aumenta o seu impacto junto ao espectador, pois não há episódios de ligação, apenas aquilo que é essencial. O segundo, **Black Legion**, é de teor mais genérico, embora aborde um fenómeno preciso, os movimentos de extrema-direita nos

Estados Unidos, fixando-se num deles em particular. Trata-se de um panfleto contra um grupo dissidente do Ku Klux Klan, o que explica que usem as mesmas indumentárias e que surgiu devido às catástrofes advindas da Grande Depressão. O filme é uma longa-metragem em miniatura, com uma *mise en place* (a cena de iniciação e a denúncia dos políticos que são cúmplices), uma cena central, que consiste na reconstituição de um homicídio específico cometido pelo grupo e um desenlace, que é um grito de alerta. São utilizadas todas as técnicas do cinema de ficção, inclusive o uso da música para criar e aumentar a tensão narrativa, confrontando o espectador com uma realidade de que nem todos tinham consciência para perguntar no desenlace: “*Quem são eles? Têm de ser desmascarados!*”.

Redes foi em tempos passados um clássico das cinematecas e dos cineclubes. O filme partiu de uma iniciativa da Secretaria de Educação do México, cujo Departamento de Belas Artes era então dirigido pelo compositor Carlos Chávez, que convidou o grande fotógrafo Paul Strand e o jovem austríaco Fred Zinnemann, que já tinha alguma experiência de cinema (foi um dos realizadores do clássico **Menschen in Sontag**). A ideia era reconstituir uma revolta de pescadores, que ocorrera numa pequena aldeia próxima de Vera Cruz. Trata-se, por conseguinte, de um filme ancorado numa realidade precisa. A realização foi confiada a Zinnemann e ao mexicano Emilio Gómez Muriel, que ainda não tinha realizado nenhum filme. O percurso futuro de ambos os afastou bastante deste tipo de cinema, pois fizeram importantes carreiras no cinema industrial de ficção dos seus respectivos países. Note-se no genérico a presença de Silvestre Revueltas, a figura mais original da música de concerto no México na primeira metade do século XX. O elenco inclui um único ator profissional, aquele que faz o papel do patrão, ao lado de amadores, entre os quais autênticos pescadores, como o protagonista, que teve aqui a sua única experiência cinematográfica.

Num documento destinado às autoridades mexicanas, quando **Redes** ainda estava em estado de projeto, Strand observou que o filme não se destinava “*a um público sutil e sofisticado, mas, pelo contrário, à grande maioria de pessoas bastante simples, para quem factos elementares devem ser apresentados de maneira direta e inequívoca. Talvez seja inclusive necessária uma certa crueza para atingir o objetivo deste filme*”. O resultado, no entanto, nada tem de cru, como poderá constatar o espectador. A narrativa é muito bem construída, com uma verdadeira progressão dramática. Começamos por ver o protagonista a pescar, mas sem nada apanhar, o que define de imediato a situação dele e, por extensão, de toda a aldeia. Logo a seguir, fixamo-nos naquele indivíduo e na morte do seu filho (“*não é justo que um homem perca o seu filho porque não tem dinheiro para curá-lo*”) e o enterro da criança, porém sem que a narrativa resvale para o melodrama. Tem lugar em seguida o despertar da consciência do homem, num eco do cinema mudo soviético, onde este tema é frequente. De modo lógico nasce um clima de revolta e uma comparação implícita e explícita entre as redes que arrastam os peixes e aquelas que aprisionam aqueles homens, seguida pela repressão e o martírio do líder. O filme é um elaborado objeto cinematográfico, porque esta clara narrativa apoia-se na magnífica fotografia de Paul Strand (infelizmente desvalorizada na cópia em 16 mm que vamos ver) sobretudo na sequência da grande pescaria, em que os pescadores, os barcos, as redes e os peixes são tratados como elementos plásticos, num eco evidente das imagens captadas por Eisenstein e Eduard Tissé em **Que Viva Mexico!**. No entanto, como notou Robert Stebbins, Strand “*é mais humano, mais simples, mais próximo das pessoas do que Tissé*”, porque **Redes** não foi concebido na “*escala gigantesca*” do monumento de Eisenstein. **Redes** tem um belíssimo e surpreendente desenlace, que não é um ponto final: os pescadores se lançam a um mar ao mesmo tempo real e simbólico, não vitoriosos, mas a caminho da esperança, de um horizonte mais vasto.

Antonio Rodrigues